

FAGUNDES, Francisco  
Cota & ORNELAS, José.  
Org. *Jorge de Sena: o  
homem que sempre foi*.  
Lisboa: ICALP, 1992. 254 p.

Sob o título "Fernando Pessoa: o homem que nunca foi" proferiu Jorge de Sena a conferência que encerrou os trabalhos do *Simpósio Internacional Pessoaano*, promovido pela *Brown University* em 1977. Com o título oposto - *Jorge de Sena: o homem que sempre foi* - editado ainda sob a chancela do ICALP, mas distribuído já pelo Instituto Camões, vem à luz este volume que, em primoroso acabamento gráfico, reúne comunicações apresentadas no *Colóquio Internacional sobre Jorge de Sena*, realizado na University of Massachusetts, Amherst, em outubro de 1988, para assinalar os 10 anos de falecimento do escritor.

Depois de uma "Introdução", onde os organizadores comentam, texto a texto, as diferentes abordagens com que o leitor se defrontará, precede os estudos propriamente ditos um depoimento de Joaquim-Francisco Coelho focalizando a figura docente de JS, que o signatário afirma ter sido "como professor, um dos mais extraordinários com quem até hoje privei, não obstante costumasse ele dizer-nos que não pretendia ensinar fosse o que fosse, dado o seu cepticismo em relação a cátedras e catedráticos..."

O primeiro grupo de ensaios contempla a *poesia* de JS. Abrindo esta seção, o alentado estudo de Carlo Vittorio Cattaneo "Deus e Deuses na Poesia de JS", rastreando minuciosamente a trajetória de uma relação complexa do indivíduo com a divindade. A seguir, Fátima Freitas Morna, em "Sena, Nemésio e a poesia dos lugares", coteja os dois poetas, tomando como base os referentes culturais privilegiados nas duas obras.

Em "JS: Ética e Poesia", Maria de Lourdes Belchior Pontes, partindo do poema "Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya", que considera como síntese da visão de mundo do poeta, percorre várias das poéticas "meditações morais" de JS para destacar a busca ética "por um mundo melhor" que vinca sua poesia. Jorge Fazenda Lourenço, no ensaio "Para uma ética do desejo: sobre oito meditações à beira do Pacífico" lê a seqüência de poemas de *Sobre esta praia...* como o perseguir da ética do desejo - espécie de ascese erótica - afinal homóloga a uma ética do amor e a uma ética da poesia. Luís Adriano Carlos em "JS: A pirâmide no inverso - projeto de construção" propõe que se leia globalmente a obra do A. como articulada na concomitância de um "sistema centrado (clássico)" com um "sistema descentrado (barroco)". Rip Cohen em "Os 'sete sonetos de visão perpétua' ou o que há num Clímax", dedica-se à análise

dessa seqüência do livro *Peregrinatio ad loca infecta*, onde vê "condensada toda a tradição da poesia amorosa européia", com particular ênfase no sétimo soneto, que considera climático. James Houlihan, em "Traduzindo Sena traduzindo Ovídio", aproxima os dois poetas a partir da problemática que a tradução desencadeia (ambos os autores, além de escreverem obras com o mesmo título - *Metamorfoses* -, traduziram) e detém-se em comparar os dois poemas, dos dois autores, que levam o mesmo título "Céfalo e Prócris". Encerra esta seção - a mais longa - o texto de Francisco Sousa "Fome de Infinito: 'A Morte, o Espaço, a Eternidade' e *O Físico Prodigioso*" que, articulando os conceitos nietzschianos de *apollíneo* e *dionisíaco*, compara o último poema de *Metamorfoses* com a única novela assinada por Sena.

Na segunda parte do livro, encontramos cinco estudos sobre a prosa de ficção seniana. O primeiro pertence a Antonio Cirurgião - "O Nascimento do Poeta em *Sinais de Fogo* de JS" - que procede a um corte nesse romance inacabado para examinar em detalhe os momentos em que a poesia "aparece" ao protagonista, tirando daí ilações com uma arte poética que ressoa em toda a obra do A. Horácio Costa, no seu ensaio "Post *tenebras spero lucem*: texto-vida e alegoria em *O Físico Prodigioso*, de JS", analisa a

novela procurando inseri-la numa estética pós-moderna. Para tanto, além de aproximá-la de *Memorial do Convento* e de *O Bosque Harmonioso*, recorre a conceitos teóricos de Frye, Hough e Derrida. Já Eduardo Mayone Dias - em "A presença da Espanha na prosa ficcional de JS" - rastreia nos contos "A Grã-Canária" e "Os salteadores" (de *Os Grão-Capitães*) e no romance *Sinais de Fogo*, as referências à Guerra Civil Espanhola, momento histórico em que Portugal e Espanha muito se identificam, permitindo ao narrador criticar Portugal falando do país vizinho. Em "A 'História de Eichmann' de JS", George Monteiro trata do conto "Defesa e justificação de um ex-criminoso de guerra" que hoje integra *Antigas e novas andanças do Demônio*, apontando inicialmente as possíveis fontes de que se valeu JS para escrever esta definitiva condenação da ideologia hitlerista e relacionando depois este conto com as preocupações éticas encontráveis em vários de seus textos. No último ensaio deste grupo, "Eros em êxtase: 'O grande segredo'", Francisco Cota Fagundes trata do conto de *Antigas e novas andanças do Demônio*, vendo-o como inspirado na vida e obra de Santa Teresa de Jesus, mas afinal escrito como "paródia sexual do êxtase místico cristão" para afirmar "o indestrutível e inescapável poder do amor erótico".

Abre a terceira parte do livro o trabalho "JS e o ensaio teórico" de Onésimo Teotónio Almeida, que analisa em detalhe o estudo "Sistemas e correntes críticas", publicado em *Dialéticas teóricas da literatura*, para demonstrar, até mesmo pelas inconsistências que detecta no discurso do A., a visão particularíssima de JS face à teoria literária. Frederick Williams, como indica o título de seu ensaio - "Prosódia, paródia, prosa: o prefácio de JS e *As Quibiricas*, de Frei Ioannes Garabatus" -, comenta detidamente essa primorosa peça de ironia e erudição que Sena produziu, ainda em tempos salazaristas, com o objetivo de criticar o governo fascista e todos os mandarinos do saber. Por fim, Daphne Patai, em "Traduzindo JS", com a experiência de quem traduziu para o inglês alguns contos do autor, relata as dificuldades, sobretudo de ordem sintática, que enfrenta quem se dispõe a tal tarefa e recomenda três atitudes básicas perante o texto a traduzir: respeito, fidelidade e modéstia.

Compõem ainda o volume uma pequena seleção de fragmentos memoriais de Mécia de Sena - "*Flashes*: recordando alguns momentos com JS" e uma sintética apresentação bio-bibliográfica de todos os colaboradores.

Ganham, pois, os estudos senianos uma imprescindível coletânea de ensaios, assinados por respeitadíssimos nomes da crítica literária lusa ou

lusófila que há muito convivem com tão assombrosa e multifacetada produção.

*Jorge de Sena: o homem que sempre foi* é o 18º livro publicado sobre o A. E todos - frise-se - após sua morte, em 1978. O número, que parece significativo à primeira vista, perde logo magnitude quando se percebe que aí se incluem outras coletâneas, atas de congressos, catálogos de exposições, índices bibliográficos, antologias... Enfim, diante da extensão e diversidade da obra seniana, ainda há um espaço imensurável para o exercício crítico. Isto porque, lembremos - já que *ser* ou *não ser* é o mote e a questão ética a mais enfatizada nesses ensaios - Jorge de Sena seguiu como ninguém a lição concisa daquele Fernando Pessoa/Ricardo Reis que um dia escreveu: "Para ser grande, sê inteiro: nada/ Teu exagera ou exclui./ Sê todo em cada coisa. Põe quanto és/ No mínimo que fazes"...

Gilda Santos

CABRAL, Filomena. *Madrigal*. Lisboa: Difel. 1993.

É um ensaio alegórico ou talvez uma alegoria ensaística.

De qualquer forma, este livro está longe do que se poderia chamar "ficção" ou, mais exatamente, "romance". Na verdade esta quase recusa da ficcionalidade narrativa vem a ser uma das marcas paradoxais da romancista